

## **Endividamento e Inadimplência do Consumidor – PEIC/Maceió – Jan 2016**

**Felippe Rocha**

*Assessor Econômico da Fecomércio AL*

O Instituto Fecomércio de Estudos, Pesquisas e Desenvolvimento de Alagoas, em parceria com a Confederação Nacional do Comércio, realizou, nos dez últimos dias do ano de 2015 a coleta dos dados referente ao nível de endividamento e de inadimplência das famílias maceioenses, isso significa que os dados aqui demonstrados refletem o consumo das famílias no mês de dezembro e como elas iniciam o ano dado seu comprometimento da renda.

Devemos ressaltar que esta pesquisa é importantíssima do ponto de vista econômico, já que, como John Maynard Keynes (pai da Macroeconomia moderna) discute em seu livro “teoria geral do emprego, dos juros e da moeda” (refletindo sobre os aspectos que favorecem o crescimento de uma economia), que o consumo e o investimento são essenciais para o crescimento econômico.

Neste caso, estamos tratando sobre o nível de consumo das famílias e, devemos salientar que o endividamento das famílias não é ruim, muito pelo contrário, este, é sinal de que as famílias estão consumindo o que permite espaço para que os empresários, em seus “espíritos animalescos” (*animal spirits*<sup>1</sup>) pelo lucro façam novos investimentos e contratem novos colaboradores em suas empresas, criando um ciclo virtuoso na economia alagoana.

O que seria indesejado, de fato, no processo de endividamento, seria o comprometimento excessivo da sua renda acima de 50%, pois reduz o nível de consumo

---

<sup>1</sup> São as emoções que influenciam o comportamento humano e podem ser medidas em termos da confiança do consumidor e dos investidores

das famílias dado que grande parte de sua renda mensalmente será revertida para pagamentos de dívidas contraídas no passado.

Para isso, precisamos investigar os dados coletados e inferir analiticamente sobre o perfil de endividados, dos que estão atrasando os pagamentos e de quantos estão se tornando inadimplentes por não conseguirem mais pagar suas contas, seja pelo aumento de preços que compromete a renda ou pelo desemprego.

E os dados para este início de ano, para Maceió, demonstram uma evolução da parcela de famílias endividadas muito tímida, de apenas 0,2 (pontos percentuais, p.p.) e um aumento um pouco maior da parcela de consumidores que estão com dívidas em atraso, 1,1 (p.p.) e quase que inalterada a parcela de famílias que não conseguem pagar suas contas 0,6 (p.p.) todos em relação ao mês anterior. Em relação a janeiro do ano passado, houve um aumento de 4,6% dos endividados em Maceió, no geral. No total de endividados com contas em atraso, houve um aumento de 14,3% (sinalizando que o aumento dos preços e o desemprego pontual começam a afetar o pagamento de algumas dívidas dos consumidores) e um aumento de 7,4% nos que já não conseguem pagar suas contas (tornando-se inadimplente no mercado).

Esta pesquisa tenta mensurar o comprometimento das famílias e de indivíduos com dívidas no cartão de crédito, financiamentos de carros, cheques pré-datados, empréstimos pessoais, seguros, carnês de loja e financiamentos de casas (dessa forma, excetua-se o pagamento de dívidas de contas de energia, água, telefone, e tributos diversos) o que nos permite entender o comportamento do consumidor mês a mês em relação ao potencial de demanda e consumo, sendo assim, dos 69,1% dos endividados, 21,8% consideram que estão muito endividados dado sua renda individual ou familiar; 24,7% mais ou menos endividado e; 22,5% pouco endividado, se contarmos que 30,9% dos entrevistados informaram não ter dívidas deste tipo, possuímos 53,4% de famílias que não comprometem tanto sua renda, permitindo espaço para consumir ao longo do

ano, o que reflete em um bom potencial de consumo, um bom sinal para os empresários.

Obviamente que, quando saímos do geral e partimos para uma análise específica, por perfil de renda familiar, dividido entre famílias com renda abaixo de dez salários mínimos e os com renda superior a essa faixa, obtemos perfis diferentes de comprometimento dos seus salários em dívidas. Resgatando Keynes, devemos lembrar da propensão marginal ao consumo, no popular, seria algo como a capacidade das famílias em conseguirem poupar e consumir mais no futuro.

Em sendo assim, as famílias com menores salários, acabam não sobrando tanto espaço para a poupança que geraria maior nível de consumo no futuro, pois dado o nível de inflação (aumento geral dos preços), acabam tendo que utilizar uma maior parcela de seus salários para subsistência, sobrando menos para a aquisição de bens, comprometendo a renda com o uso de crédito.

Tanto é que, as famílias muito endividadadas (analisando em específico), se encontram na faixa de renda abaixo dos dez salários mínimos, 23,2%, os mais ou menos comprometidos com dívidas em parcela da sua renda, para essa faixa, é de 24,5% e os poucos endividados são 21,7%, os que não possuem dívidas deste tipo nessa faixa de renda são 30,6%, menos do que no indicador geral.

Já para os que percebem uma renda familiar acima dos dez salários mínimos, as famílias muito endividadadas são apenas 1,1% do total (do universo de quem recebe mais de 10 S.M.), com grande maioria dos indivíduos ou pouco endividados (34,7%) ou com nenhuma dívida (35,8%) e uma última parcela demonstrando estar mais ou menos endividado (28,4%), o que realça o potencial de consumo dessas famílias ao longo do ano.

Dado a facilidade de crédito ao longo dos últimos anos, o uso do cartão de crédito tem respondido como o maior meio de utilização das famílias para aquisição de

bens e serviços na economia, correspondendo a 82,2% do tipo de dívida das famílias de Maceió no geral, e a 83,8% e 59,0% para as famílias que recebem até 10 salários mínimos e as que recebem mais que 10, respectivamente. Em segundo e terceiro lugar, no geral, surgem os carnês de loja (crediário) com 12,1% e o crédito pessoal, representando 6,0% do tipo de dívida mais utilizado pelas famílias.

Discriminando por faixa de renda, a faixa de famílias com uma renda menor tem como segundo maior motivo de contratação de dívidas o uso de crediário (carnês de loja), com 11,5% seguido do uso de empréstimos pessoais com 6,4% (demonstrando que a faixa de renda menor pode estar tendo problemas para fechar suas contas ao fim do mês). Já no perfil da dívida das famílias com renda superior aos 10 salários mínimos, o segundo maior tipo de dívida utilizada é, também, o uso de crediário (carnês de loja) com 21,3% seguido do financiamento de carros (19,7%) e não houve entrevistado com este perfil de renda que tenha informado utilizar de empréstimos pessoais por qualquer motivo.

Analisando o perfil de dívida em relação ao mês anterior, houve uma redução da importância da dívida no cartão em 2,6% no geral, acompanhado da redução em 1,1% na contratação de empréstimos pessoais, mas um aumento do uso de crediário (carnês de loja) em 2% para aquisição de bens em Maceió, reflexo do Natal, pois, na falta de crédito no cartão as famílias recorrem ao empréstimo fornecido pelas próprias lojas, em sua grande maioria de grande porte para adquirir novos bens, sobretudo, eletrodomésticos.

Seguindo o mesmo padrão a faixa de renda abaixo dos 10 salários mínimos demonstraram uma redução de 3,2% no uso do cartão de crédito e de 1% na contratação de empréstimos pessoais, mas uma evolução de 1,8% na demanda pelo uso de crediário. Já para a faixa de renda superior, houve um aumento do uso do cartão de crédito no período analisado de 2,3% e de 4,9% na aquisição de mercadorias utilizando os carnês

de loja e uma redução da dívida com financiamento de carros de 4,2%.

Dentre as famílias que responderam estar endividadas e com dívidas em atraso, que correspondem a 36,1% dos entrevistados, 52,2% informaram que possuem outro familiar que mora em sua casa que também se encontra com dívidas em atraso e 47,7% indicaram que não há outro familiar. Além do já citado aumento dos endividados com contas em atraso de 1,1% na variação mensal, ocorreu um aumento de 1,4% na variação mensal sobre familiares que moram na mesma casa e se encontram na mesma situação (de ter dívidas em atraso).

Uma observação importante é analisar a capacidade de pagamento das famílias que não estão tendo condições de fazer pagamento de suas dívidas, que representa 19,8% da população de Maceió (um aumento de 0,6% em relação ao mês anterior). Para esse universo, 11,2% disseram estar em condições de conseguir pagar integralmente suas dívidas em atraso, 18,3% só terão condições de pagar em partes suas contas (o que pode configurar num efeito “bola de neve” dado o aumento dos juros do cartão de crédito de 430% ao ano) e, 55% ainda se manterão sem pagar suas dívidas.

Felizmente, a parcela de pessoas que sairão do grupo de não pagadores aumentou, já que houve um aumento de 2% das famílias que irão pagar totalmente suas dívidas em atraso com relação ao mês anterior e um aumento de apenas 0,1% dos que se manterão inadimplentes por falta de condições de pagamento. É um respiro para a família que pode voltar a consumir na economia.

Desse universo de 19,8% de inadimplentes, percebe-se que em sua grande maioria (59,8%) já estão a mais de 90 dias sem conseguir pagar suas dívidas, um aumento de 4,9% em relação ao mês anterior de pessoas nessa situação, e 23,9% estão entre 30 a 90 dias sem conseguir sanar suas dívidas, finalmente, 14% estão a menos de 30 dias.

Quando perguntados sobre o período máximo que cada indivíduo mantém dívidas, a preferência continua sendo de manter dívidas por no máximo entre 3 a 6 meses (32,1%), seguido pelo parcelamento entre 6 meses e 1 ano (25,4%) e fechando a lista, o período máximo de até três meses (16,3%). Cabe destacar que de dezembro para janeiro houve uma mudança de comportamento do consumidor maceioense por manter-se com dívidas por um período maior de tempo – de 8,4% -, talvez porque o parcelamento sem juros e por longo período reduza o valor das parcelas e não comprometa a renda das famílias.

Por último e muito importante para entender a dinâmica e poder de consumo das famílias ao longo do ano é entender a magnitude do comprometimento da dívida em relação a renda das famílias, isto porque, como já salientado, ter dívidas é algo muito natural, todas as famílias contraem dívidas de toda natureza para aquisição de bens duráveis, alimentos e bens de consumo diversos (seja para pagamento do conserto do carro ou do serviço de festas para seu casamento), o problema da dívida não é a dívida em si, mas sim o quanto ela compromete em relação a sua renda (pois compromete o seu consumo futuro, em termos leigos, nos próximos meses).

Em sendo assim, em Maceió, felizmente, esse comprometimento das dívidas em relação a renda tem se mantido, em sua grande maioria, abaixo dos 50% da renda das famílias, especificamente, 47,2% das famílias tem sua renda comprometida entre até 10% e de 11% a 50%, apenas 4,7% comprometem sua renda mais do que 50% em dívidas, o restante dos entrevistados (48,1%), não sabem ou não quiseram responder a esta pergunta. Devemos relembrar que do universo dos 100% de maceioenses, 69,1% possuem dívidas (seja no cartão de crédito, cheques, financiamentos ou empréstimos) e 30,9% não possuem dívidas desse tipo, então, some-se a parcela de famílias que comprometem abaixo de 50% de sua renda com dívidas, isto significa dizer, que a dinâmica de consumo das famílias, em Maceió, não está comprometida, podemos então esperar que o consumidor se mantenha consumindo e que a redução do consumo seja

um efeito adverso das famílias em tentar se proteger da especulação econômica.